



PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES-UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (SPIC)

A Frente-Popular em marcha COMITES DE ENLACE: EIS A NOVA ÉTAPE DA FRENTE

O entusiasmo à volta da Frente-Popular. Os actos espontâneos de organização de Comités de Enlace. Um apêlo da CIS para se forjar a Frente-Única operária. O "AVANTE!", do mês passado esgotou-se.

A Frente Popular em Espanha

É inevitável para todos que a Espanha está vivendo um momento histórico. A união de todos os elementos revolucionários da pequena burguesia aos dois grandes partidos do proletariado, socialista e comunista, e à organização sindical poderosíssima que é a União Geral dos Trabalhadores, conseguiu que a Espanha, de baluarte do fascismo mais sangrento e criminoso, passasse à luta anti-fascista dum modo consequente e revolucionário.

Da Espanha de Lerroux e Gil Robles que matou na revolução das Astúrias, milhares de operários fora do combate, do regime criminoso que por excesso de «naciona-lismo» matou vir os facinorosos da Legião estrangeira e os mouros selvagens do Têrceiro para a repressão das Astúrias — passou-se à acção anti-fascista declarada que já vencer nos seus redutos a reacção capitalista e jesuítica dos grandes potentados espanhóis.

Uma grande vitória como a que acaba de ser obtida em Espanha, não tem apenas o valor eleitoral que se lhe possa atribuir. Não é o simples valor quasi passivo, da deposição de uma lista da Frente Popular nas urnas que permitiu a vitória da Espanha revolucionária e anti-fascista. As vitórias só se conseguem revolucionariamente, e foi o ímpeto revolucionário de milhares de anti-fascistas espanhóis que contave os maiores reac-cionários que procuravam e procuram cada vez mais, impor no povo espanhol uma ditadura que obriga milhões de pessoas à fome, prende dezenas de milhares, tortura e assassina milhares.

Não foi a dita pacata assembleia de voto deitar a sua lista que permitiu ao espanhol anti-fascista a vitória dos seus ideais. Não se venceu assim.

Foi lá a assembleia de voto, sob a ameaça de despedimento do trabalho, depois de resistir ao sub-limbo na perspectiva sempre de ser assassinado pelos bandos de fascistas que deu a vitória.

Foram as imponentes manifestações de massas antes e depois das eleições da 2.ª geração

A FRENTE-POPULAR CRIA RAIZES

A notícia da Frente Popular entusiasinou de tal forma as massas anti-fascistas que por todo o país se fala nisso. A Frente Popular veio dar um ânimo novo a todos os anti-fascistas, não só por saberem que a sua união e a mobilização das mais vastas camadas do povo destruirão o fascismo, como também pelo conhecimento da experiência da Frente Popular em Espanha e em França.

Os próprios jornais reac-cionários a sôlto do fascismo, não escondem a sua preocupação. Tanto o «Diário da Manhã» como o «Notícias» e o «Século» espumam de raiva, em face do agrupamento das forças anti-fascistas, na Frente Popular. Até Salazar, no discurso proferido na Assembleia Nacional, lançou uma «nuvem de fumo», pretendendo negar o avanço das forças progressivas nos vários países onde o fascismo tenta impor o seu domínio. Nesse discurso provocador, e a que o chefe do governo espanhol — Azcaña — respondeu no jornal «POLÍTICA», Salazar afirmou que a hora não era das direitas nem das esquerdas, mas sim dele e da sua camarilha.

Em vários pontos do país, nomeadamente em Lisboa, na região do Sado e do Oeste, temos notícia de se terem constituído imediatamente Comités de Enlace, da Frente Popular. Isto dá bem a ideia do entusiasmo com que foi acolhida a notícia da constituição da Frente e, ao mesmo tempo, do desejo por parte das massas de lutarem contra o fascismo e por um governo de verdadeira democracia popular.

Ao mesmo tempo que a Frente Popular cria raízes a Comissão Inter-Sindical lança um apêlo a todas as organizações operárias para que se crie uma CGT única dos trabalhadores portugueses. Entre os operários anarquistas, que constituem depois da Comissão Inter-Sindical, um dos sectores ideológicos mais importantes do setor da classe operária, manifesta-se uma tendência favorável à utilização

sindical, sobre as bases apresentadas pela CIS.

Este facto vem reforçar as posições da Frente Popular e estamos convencidos de que em breve a acção das forças operárias e anti-fascistas arrastarão atrás de si as camadas mais profundas da população do país.

Neste momento sabemos que prossegue a discussão na Frente Popular acerca do seu programa. Estamos convencidos que em breve ele será apresentado publicamente. Reservamos para então a publicação do projecto do programa apresentado pelo Partido Comunista e o programa aprovado pela Frente Popular.

Agora trata-se de dar corpo à ideia. A Frente Popular precisa de se estabelecer organicamente em cada empresa e em cada localidade. Sem Comités de Enlace que representem as forças anti-fascistas de cada ponto, sem acção destes para arrastarem atrás de si a grande parte da população laboriosa, não é possível falar com seriedade numa luta eficaz contra a ditadura salazarista.

O Partido Comunista empregará a fundo os seus recursos para ajudar a Frente Popular na criação de Comités de Enlace, e para agir at as suas directivas.

A Frente Popular esmagará o fascismo. Mas antes disso, e para isso, necessita existir como força organizada e necessita arrastar atrás de si as massas populares.

A Frente Popular, quanto a nós não deve funcionar como uma espécie de «caixa de surpresas», em que, pela virtude «mágica» de portentos, tudo apareça feito, independentemente da acção das massas populares.

Isto porque a experiência já nos ensinou a descer de dessas virtudes. A última e mais importante obra desse género — e essa é da Bíblia — foi a de Jeovah, que criou o mundo em sete dias. Mas depois disso, como já tinha constatado Guerra Junqueiro, não fez mais nada...

PARA A GUERRA!!

Sargentos cabos e soldados, marinheiros, funcionários, camponeses, operários, pequenos lavradores e todos os proletários do mundo a «Guerra imperialista» aproxima-se! Não tenhamos dúvidas de que a burguesia infame e aconitante tenta lançar as massas proletárias na carnificina, para assim encher os seus cofres insaciáveis. Torna-se necessário camaradas, cerrard fillos unidos nos para acabar a vez com a guerra. Sabeis qual o papel que nos pertence desempenhar a nós filhos do Povo? E preciso não esquecer!

Os oficiais são os filhos da burguesia que somente estudam para depois de agalados ensaiarem nos nas flechas a assassinar o próximo, com a cruel mentira de defendermos a pátria.

Vossos pais e irmãos morrem de fome nas vossas terras natais enquanto vós, soldados, escarceados pela burguesia, pela falta de instrução que tendes, virdes guardar-lhe as costas e defender os assassinos do Povo pela fome, pela miséria e pela metralha.

SOLDADOS!

É preciso que na guerra que se aproxima as espingardas que vos foram confiadas saibam cumprir o papel que vos pertence desempenhar para o bem de toda a humanidade. Sabeis qual o papel que cumpre a todos nós proletários? É virar para traz as espingardas contra a camarilha de oficiais que nos comandam e implantar um governo do Povo saído das massas trabalhadoras. Os imperialistas japoneses, italianos, alemães, e Salazar, assassino do povo português, pretendem aniquilar a URSS, país aonde o governo é composto de proletários e camponeses e não existe por esse motivo a fome!

Em todo o mundo aumenta a revolta contra o capital e nós, portugueses, não devemos ficar de braços cruzados. Povo português, a Frente Popular formada por todos os partidos da esquerda e anti-fascista, é já um facto. E pois necessá-rio ingressar nela para, unidos, combatermos os assassinos do Povo português, camponeses pelo clero

(Continua no 6.º página)

Avante, sem HESITAÇÕES!

Noutros artigos deste número do «Avante!» fornecemos algumas notícias sobre o entusiasmo com que foi acolhida a constituição da Frente Popular e os actos espontâneos de organização das massas laborais. Aqui e ali, por esse país fora, surgem COMITÊS DE ENLACE da Frente Popular. Todo esse entusiasmo demonstra o interesse das vastas camadas da população do país pela criação de um forte baluarte do antifascismo, que atire pela «borda tora» com este regime de tirania e de exploração desenfreada.

A experiência e as vitórias da Frente Popular, especialmente em França e em Espanha, já não deixam dúvidas a ninguém sobre o caminho a seguir. Republicanos e socialistas, anarquistas, comunistas etc., todos aqueles que conscientemente analisam a situação que a travessamos, não hesitam em dar o seu apoio à Frente Popular e em depositar nela as suas melhores esperanças.

O desejo ardente de lutar e de caminhar mais depressa, da parte das massas anti-fascistas, chocou, no entanto, com a marcha vagarosa dos organismos dirigente da Frente. O trabalho a realizar em todo o país é enorme e exige uma actuação decidida. Se a Frente Popular menosprezasse as esplêndidas condições que existem actualmente, se não actuasse imediatamente para dar corpo, em todo o país, ao desejo das massas de se organizarem dentro da Frente, se, ao mesmo tempo, esta não iniciasse um trabalho de grande fôlego para arrastar na sua esteira a grande parte da população do país, a causa «cuja bandeira agora hasterneiros sofferia um rude golpe».

A marcha tem que prosseguir sem hesitações. Exigem-nos as massas o exemplo de uma linha de presos, de deportados e de perseguidos anti-fascistas.

Sabemos que em breve aparecerá publico o programa completo, do que pretende realizar a Frente Popular, uma vez derubado o su-lazarismo. Desta trincheira desde já prometemos a sua maior popularização. Tudo faremos para explicar o seu significado.

Mas, quanto a nós, não bastam declarações escritas ou faladas, nem a difusão de muitos milhares de manifestos. É preciso DAR CORPO à ideia que hoje nos une. É preciso que as massas encontrem pontos de apoio por todo o país. Um ideal político para fructificar precisa de um mínimo de organização. Sem isso só o inimigo tem a lucrar. A nossa passividade só serve para alimentar a agonia do monstro que nos oprime.

Ha que caminhar, pois, sem hesitações.

Caminhar e depressa. Assim o exige a população anti-fascista de todo o país.

**Subscrição pró re-
visão do processo Bento,
Sousa, Fogaça e Seileiro**

Tran. porte..... 95\$00
Sindicato do Ars. Mar..... 100\$00
Victor Falcão..... 2\$40
197\$40

NOTÍCIAS DE ANGRA

O tenente Toledo—carcereiro tarado e inquisidor dos presos

De entre os vários tiranões que o «Estado-Novo» deita mão para levar a efeito a sua «política do es-rito» — traduzida-se por «política do crime e das atrocidades» — avultam certas figuras que o «Avante!» não deve deixar de apresentar aos seus leitores.

Essos tiranões consultam legião e não nos é permitido, portanto, falar de todos ao mesmo tempo, motivo porque os desmascararemos a pouco e pouco.

Ocupa-nos hoje, a par das últimas notícias chegadas ao nosso conhecimento e vindas de Angra, o desmascaramento de um tarado que exerce funções de comando na Fortaleza de S. João Batista: o tenente Toledo, espírito doentio que resume maldade, e cuja existência unicamente se compraz a causar o sofrimento daqueles que têm a infelicidade de cair em sobre a sua paria.

Ele tem sido uma das «almas mais danadas» na prática de atrocidades contra os duzentos deportados em Angra. O inslino de maldade é superior às suas desqualificadas faculdades mentais, e isto vem mais uma vez patentear o quilate dos guardiões dos «sagrados princípios da moral e da família» que o Estado-Novo traz ao seu serviço.

Desgraçada mulher e filhos, se é que os possui, que têm de suportar as brutalidades desqualificadas e a linguagem coza do tal «chefe de família»!

O tenente Toledo poderá ser excelente «carne para canhão» para uso dos seus mandatários e pagadores, mas o que é indiscutível — os factos atestam-no bem! — é que se manifesta como um péssimo executor dos «princípios orientadores» da moral cristã do Estado-Novo.

Nenhum cristão — entendemos neste caso por cristão, aqueles que sinceramente acatam e aprovam a moral cristã — seria capaz de suportar a visão dos seus actos ou o sibilar das suas palavras torpes.

Tal chefe... tais subordinados. O exemplo, vindo «de cima», encoraja os esbirros, cabos e soldados que estão sob o seu comando.

Já noticiámos anteriormente o recrudescimento do terror na Fortaleza de S. João Batista. As notícias que dali nos chegam confirmam, infelizmente, a marcha ascendente dos actos de terror.

Concorre grandemente para este agravamento do terror, o facto de existirem actualmente na Angra seis esbirros: da Polícia de Informações, saídos daqui para esse efeito.

Assim, o agente Sousa já teve ocasião de revelar os instintos característicos da corporação a que pertence. No dia 28 de Fevereiro, passado, o anarquista Carlos Ferreira, estando com os seus camaradas numa pequena câmara, dirigiu-se a um agente para lhe solicitar a zona para beber. Imediatamente o rispido esbirro levou a mão à pistola, em atitude ameaçadora, e que levou aquele camarada a inquirir: — «Você em venho pedir-lhe água e En. oferece-me um tiro?»

Por esse «acto de rebelião» foi Carlos Ferreira castigado com o estágio num calabouço.

A provocação é bem patente e confirma-se com a «acusação» do agente «de que aquele pres., o linha tenente agredir e voltar os outros contra ele». Francisco Cachapuz, ao recolherem os presos à caserna, solicitou autorização para falar ao comandante, a propósito de um caso urgente. Foi-lhe respondido que casos urgentes só consideravam os de doença, a que Cachapuz contestou, alegando que desajava referir ao comandante, a injustiça que acabava de ser praticada contra Carlos Ferreira.

Pois tanto bastou para que levassem F. Cachapuz, de castigo, para junto de C. Ferreira. Vinte e quatro horas após o que relatamos, foi vítima de nova provocação o preso André dos Santos Oliveira, que foi castigado sob a falsa inculpação de fazer sinais da janela para a família de um preso.

No mesmo dia o deportado Custódio da Costa tomava um banho de luz, receitado pelo médico, em uma câmara da Fortaleza, quando começou a chover. Em face disso solicitou ao agente Sousa, que o guardava, para se retirar, como era lógico e humano. Pois o Sr. Sousa negou-se a isso e obrigou aquele camarada a suportar meia hora de chuva e, não contente com isso, levou-o de castigo para a celebre «Poteria»!

Joaquim Pedro e Manuel Pessanha, anarquistas, também foram castigados com a permanência na «Poteria» por motivos igualmente provocatórios. Joaquim Pedro permaneceu mais de 5 dias na «Poteria» o que constitui caso único na trágica história dos deportados de Angra! Como protesto contra o arbitrário e deshumano castigo declararam estes camaradas a greve da fome e só ao cabo de nove dias os foram buscar para a enfermaria!

Interrogado sobre este e outros casos o novo comandante afirma que tinham sido decididos pelo velho comandante e que ele não usaria delles, de futuro.

Os factos esclareceram-nos ao até que ponto tais declarações são verdadeiras, habituados como o estamos a outras falsas «declarações de princípios».

Abílio Gonçalves, anarquista, foi enviado para o «Caleção» porque na roupa que ele enviara para a lavadeira foi encontrado um papel com apontamentos de uso pessoal. Um outro camarada, comunista, foi ameaçado de levar coronhadas... por coisa alguma!

Por sub-reverer uma repensação ao comandante militar de Angra, foram castigados os camaradas Carlos Ferreira, anarquista, Júlia Fogaça e Silvino Fernandes, comunistas.

Estes são os últimos factos de que temos conhecimento. Por aqui se vê a gravidade da situação em Angra.

Tal situação reclama o energico protesto de todas as pessoas bem formadas moralmente, pois em caso contrario o Estado-Novo levará à frente os seus criminosos desígnios. Os carrascos dos nossos camaradas, a começar pelos ministros e a acabar nos verdugos, directores da Fortaleza, de quem ficar sobres-

A Frente Popular em ESPAÑA

(continuação da 1.ª página)

eleições que fizera n reuçar os bap-
does dos grupos pistoleiros, foi o
serviço de ordem das eleições
estabelecido pelas próprias massas
que impedia o menor ataque dos
fascistas; foi, sobretudo, o «ol-de-
cidedo» das organizações operárias
políticas e sindicais que fizeram
recuar o fascismo e deram à luta
dos anti-fascistas a força revolu-
cionária sem a qual se não vence.

A Espanha revolucionária das
Astúrias não podia ficar esmagada.
Os seus milhares de mortos, as de-
zenas de milhares de orfãos e viúvas
os 30.000 presos políticos e sociais
exigiam justiça vingadora e
protecção.

Por isso, na mente de todos os
que em 16 de Fevereiro iam de-
por o seu bloco de voto ou mon-
tavam a guarda às assembleias e
das ruas, se agitavam três palavras:
LIBERDADE PARA OS 40.000
PRESOS! READMISSÃO DOS
EXPULSOS DO TRABALHO
POR MOTIVOS REVOLUCIO-
NÁRIOS! PROTECCAO A'S
VITIMAS JUSTICIA POPULAR
DOS RESPONSÁVEIS DA RE-
PRESSÃO ASSASSINA DE AS-
TÚRIAS!

Todas três se encontram a cam-
minho de resolução. De trinta mil
presos só uma minoria continua na
prisão, ainda que com regimen me-
lhorado, em virtude de escripturas
legais do governo de Azafia que
o parlamento desvanecerá em bre-
ve. Os outros estão já em liberda-
de. Os expulsos do trabalho estão
quasi todos readmitidos, se bem
que só os expulsos de certa data
em diante. Há uma forte opposição
dos partidos e organizações proletá-
rias a essa data-limite e é quasi
certo que se obterá a total readmis-
são do pessoal despedido por mo-
tivos políticos. A protecção às vi-
timas da repressão que já era feita
apesar de todos os rigores fascistas,
pelas organizações operárias, pelo
Socorro Vermelho Internacional e
pela criação da Liga Pro-fascia (para
os filhos dos mortos), está a cam-
minho de ser consolidada pelo es-
tado ao mesmo tempo que a pri-
são dos responsáveis pela chacina
de Outubro, se iniciou pela prisão
do general Ochoa, o carrasco das
Astúrias.

A Frente Popular espanhola tem
na sua frente um vasto programa
que cumprirá.

A Frente Única proletária reu-
nindo os esforcados partidos co-
munistas e socialistas, e da União
Geral dos Trabalhadores, será a
guarda vigilante da obra da Frente
Popular contra os ataques fascis-
tas e a desagregação que estes
procuram causar nos organismos
da esquerda republicana que a
constitue.

que as massas laborais do país
estão contra todos os arbitrarieda-
des e contra os criminosos casti-
gos que estão sendo aplicados des-
humanamente aos 200 deportados em
Angra.

Enviemos vossos protestos escri-
tos e cobertos de «assinaturas», a
ministros e a carcerais! Agitemos
toda a parte a situação dos deporta-
dos em Angra!

No «paraíso» SALAZARISTA

Os lavradores de TANGIL (Monsão) atravessam uma grande crise CASAS QUE PERTENCEM HÁ MAIS DE UM SÉCULO A UMA FAMÍLIA TEM SIDO POSTAS EM PRACA para pagamento das contribuições, que este ano SÃO AINDA MAIS ELEVADAS.

Alguns lavradores, para poderem efectuar o seu pagamento, sujeitaram-se a vender o milho a 1000 cada 25 litros, embora sabendo que mais tarde terão de pagar mais caro aquele de que vieram a precisar para o seu sustento.

Em MORAIS (Macedo de Cavaleiros) os lavradores maldizem a sua sorte, com as PESADAS CONTRIBUIÇÕES e o azeite e o trigo a venderem-se por PREÇOS IRRISÓRIOS.

Os lavradores de SOUTO (Sabugal) atravessam uma DIFÍCILIMA CRISE. O centeio e o trigo não encontram compradores.

Em VIMIEIRO (Alentejo), os lavradores e agricultores veem-se em precárias condições por NÃO SEREM RECEBIDOS E PAGOS os trigos manifestados.

Os lavradores de POMARES (Pinhel) queixam-se amargamente da desvalorização dos géneros, cujo rendimento lhes NÃO CHEGA SEQUER PARA O PAGAMENTO DAS CONTRIBUIÇÕES.

Em ELVAS, para atenuar a crise dos trabalhadores rurais, que a prolongada invernia veio agravar, um grupo de lavradores e proprietários distribui 1.200 «sôpas», diariamente.

Em VALE DE SANTAREM, os lavradores resolveram distribuir um bôdo a 300 desempregados. Mas os lavradores, que ficaram, devido aos prejuízos infligidos pelo temporal, em miséria situação, não podem valer mais as vítimas do desemprego.

AZINHAGA—Devido a ter ficado sem efeito a ideia da criação provisória da «Sopa dos Pobres», na Misericórdia desta localidade, foi uma parte dos géneros recolhidos para esse fim, distribuída a 200 pobres.

FOLHOSA (Seia)—Durante o mês de Fevereiro, foram distribuídas, aos pobres, 145 sôpas.

AZARUJA—Foi feita uma distribuição de géneros aos vinte indigentes desta freguesia.

VALE DE PRAZERES—Continuam a ser feitas, SEMANALMENTE, distribuições de géneros alimentícios aos pobres.

CARDIELOS—NO MEZ PASSADO foram distribuídos géneros aos oito pobres desta freguesia.

ARRONCHES—Tem sido distribuída sopa diária a trezentos operar os sem ter, balho.

ALVARO (Oleiros) Todas as semanas têm sido feitas, aos pobres distribuições de bacalhau, arroz, feijão, etc..

(Do «Diário de Notícias» e «Século»)

NA URSS

MECANIZAÇÃO DA PADARIA

Existe actualmente na URSS um total de 400 cidades servidas por padarias mecanizadas, que produziram em 1935, 800 milhões de kilos de pão.

HIGIENIZAÇÃO DAS CIDADES

Foram incluídos no orçamento deste ano cento e cinquenta milhões de rublos para o embelezamento da grande cidade industrial de Dniepropetrovsk, na Ucrânia. Entre as grandes obras previstas, podem citar-se a instalação de parques públicos ao longo do rio Dniepr e a demolição de antigas casas.

FABRICAÇÃO DE NOVOS PRODUCTOS

Pela primeira vez na URSS, acabam de ser obtidos 210 quilogramas de cânfora para uso medicinal. Até aqui a cânfora era importada.

O CLUB ARQUEMEDES

O parque central de cultura e repouso Gorki organizou um club de nova espécie: o dos inventores—alunos das escolas primárias de Moscovo.

São os mais dotados entre os jovens inventores que dirigirão o club. Serão auxiliados por engenheiros e arquiectos.

O AMOR PELAS CRIANÇAS NA URSS

Conseguiram os preparativos da estação de verão na «cidade das crianças» do parque de cultura e repouso de Sokolniki. Não longe daí, num pinhal, será organizada uma casa de repouso para 1.500 crianças. Os jogos ocuparão um lugar preponderante na «cidade infantil». Nos mais belos recantos do parque se encontrarão brinquedos e jogos: bicicletas e tricicles, xadrez, damas, bonecos, objectos de desporto: mais de duzentas espécies de brinquedos. Serão entregues aos visitantes da «cidade infantil» dez mil concessões, com o direito de os de mais de 6 anos poderem levar para casa, por um tempo fixado, brinquedos.

DEZ NOVAS HULHEIRAS

Foi feita entrega ao governo para serem dadas à exploração, dez novas hulheiras, com um total de 5.910.000 toneladas de carvão. São todas providas de máquinas modernas.

AUMENTA A CRIAÇÃO DO GADO

Em 1.º de Janeiro de 1936 terminou o recenseamento do gado da U.S. Os resultados parciais já conhecidos indicam um crescimento do número de cabeças de gado que é de 4,9% para os cavalos, 18% para bois, 21,5% para ovelhas e cabras e 60,3% para os porcos. É provável que o balanço definitivo do recenseamento: accuse, no conjunto da URSS, um aumento mais importante ainda.

UM NOVO CAMINHO DE FERRO

Iniciou-se a exploração do caminho de ferro de Kazanda ao lago Balcach. Esta linha de 600 km,

de extensão foi construída numa zona inteiramente desértica e destina-se a ligar a bacia hulheira de Korgicanda ao Balcadzetai. Este é uma notável exploração de minerais, sobretudo cobre, em que a região do Balcach é riquíssima.

Em breve será posta em actividade uma imensa fundição que poderá tratar 42.000 toneladas de cobre por dia e excederá as maiores do mundo actualmente nos Estados Unidos.

ALTO-FORNO GIGANTE

Acaba de ser acção, pela primeira vez, o 7.º alto-forno da fábrica Kirov, em Makéevka. Tem o volume de 1.163 metros cúbicos; a sua capacidade de produção é de 1.500 toneladas de fundição. Construído inteiramente nas fábricas soviéticas, este alto-forno representa os últimos progressos da metalurgia moderna.

O funcionamento é automático e os serviços auxiliares estão todos mecanizados. Com este alto-forno, a fábrica passa a ter a capacidade diária de fundição de 5.000 toneladas e torna-se uma das mais poderosas da URSS e da Europa.

A FÁBRICA DE TUBOS DE PERVOURALSK

Acaba de se terminar a construção da fábrica de tubos Novotrubni. As máquinas que já estão montadas fabricarão tubos de qualidade extra para a indústria de automóveis, tratores e outras.

O seu rendimento anual pode atingir 160.000 toneladas de tubos no valor de 50 milhões de rublos.

Acaba de ser posta a funcionar, em Asbesté (Ural), a primeira secção duma fábrica de amianto, cuja capacidade de produção será de 80.000 toneladas.

Obteve-se no combinado polimetalico de Ridder (Kazakstan), um bo que apenas contém 0,0004% de impurezas. O chumbo de Ridder é, pois, superior aos chumbos europeus e pode substituir com sucesso, as melhores qualidades de chumbos americanos.

Acaba de fazer-se a montagem da quinta turbina, com uma potência de 12.000 kw, na central eléctrica de Grozny.

Uma nova fábrica de enriquecimento de minerais, com uma capacidade de produção diária de 30 toneladas, foi posta a funcionar nas minas de ouro de Avziane, nos arredores da cidade de Ufa.

O Conselho dos Comissários do Povo da URSS e o Comité Central do Partido, tomaram importantes decisões concernentes aos melhoramentos a introduzir na indústria de materiais de construção.

Conforme o plano, o valor da produção desta indústria, que se preparará dois milhões de operários deverá atingir 32.400 milhões de rublos.

A produtividade do trabalho, segundo o plano, deve aumentar de 30%, e o custo dos trabalhos deve ser baixado de 14,5%, em relação a 1935.

(Da «Moscovskaja Gazeta»)

A prosperidade ALEMÃ

«Segundo as estatísticas hitlerianas oficiais, os salários e ordenações passaram de 26 bilhões em 1932 a 34 bilhões e 700 milhões em 1935. ISTO É, UM AUMENTO DE 22%».

Por outro lado, e SEMPRE DE ORIGEM OFICIAL, anuncia-se que o número de trabalhadores, que se elevou a 15.800.000 no fim de 1935, era superior em 4 milhões ao número de Janeiro de 1933. ISTO É, UM AUMENTO DE 33%».

Assim, se se compararm os dois resultados, vê-se que na realidade... oficial, os salários e ordenados dos trabalhadores alemães baixaram sensivelmente desde a instalação de Hitler no poder.

Demais o governo projecta para 1.º de Abril uma nova redução geral de 5%, nos ordenados e pensões dos funcionários.

Esta medida tornou-se necessária pelo estado precário das finanças do Reich.

Além disso, os representantes do comércio e da indústria SERÃO AUTORIZADOS A APLICAR NAS EMPRESAS PARTICULARES, O EXEMPLO DADO PELO ESTADO».

A IMPRENSA NA URSS

«Os jornais não podem ser subornados aqui, sabe-se que eles não trabalham para interesses particulares, mas para o bem público. Por isso a sua autoridade é imensa. A tiragem da imprensa na Alemanha hitleriana DIMINUIU EM METADE, enquanto na URSS cresce do dia para dia. Antes da Revolução, a Rússia tinha 800 jornais com uma tiragem de 2 milhões de exemplares. Hoje, nos temos 10.000 jornais que tiram 40 milhões de exemplares. E a tiragem, se houvesse abundância de papel, poderia passar para o dobro».

(Da entrevista do cam. Koltov, redactor-chefe da «PRAVDA», com uma jornalista francesa)

A burguezia é obrigada a reconhecer a situação da URSS

No Boletim do Banco de Portugal (Capítulo—Comércio) lê-se o seguinte sobre a URSS:

«Dados estatísticos e comentários sobre a situação económica e financeira e especialmente do comércio externo da Rússia que se apresenta muito favorável.

«De facto as exportações nos 3 últimos anos foram superiores às importações em 450 milhões de rublos.

Por outro lado, as dívidas da União baixaram sensivelmente de 1.400 milhões de rublos, em 1931, para 120 milhões em princípio de 1936. A produção anual do ouro ultrapassou sensivelmente 100 milhões de rublos: como as dívidas acumuladas durante estes últimos 4 anos atingem 270 milhões de rublos, as reservas de divisas do país elevam-se a uma cifra considerável.

«O aumento económico da marinha mercante nacional tem contribuído também bastante para a situação económica da R. Soviética».

ANIVERSARIO DA COMUNA DE PARIS

UM TREXO DE LENINE SOBRE A COMUNA

Em Memoria da Comuna

(PUBLICADO NA «RABOTCHAIA GAZETA» de Abril de 1917)

Ja passaram quarenta anos desde a proclamação da Comuna de Paris. Como de costume, o proletariado francês comemorou com mitiques, e manifestações os artifices da revolução de 18 de Março de 1871. Nos últimos dias de Maio ele irá novamente depor coroa sobre a tumba dos comunistas fusilados durante a horrivel «semana de Maio», e jurar, mais uma vez, um combate sem tréguas até ao triunfo completo das suas ideias, até ao termo total da sua obra.

Porque motivo o proletariado, e não somente o proletariado francês, mas o de todos os países, honra nos artifices da Comuna de Paris, os seus precursores? Qual é a herança da Comuna?

A Comuna nasceu espontaneamente, ninguém a tinha preparado consciente e metodicamente. Uma guerra desditosa com a Alemanha, os soffimentos do cerco de Paris, o desemprego forçado do proletariado, a ruína da pequena burguesia, indignação das massas contra as classes superiores e as autoridades, que haviam dado provas de uma incapacidade total, uma fermentação confusa da classe operária, descontente da situação e que aspira a outro regime social; a composição reaccionária da Assembleia Constituinte, que era um perigo para a república, tais eram os factos que, com alguns mais, se reuniam para empurrar a população do Paris para a revolução de 18 de Março. Esta revolução fez com que inopinadamente, passasse o poder das mãos da guarda nacional para as mãos da classe operária e da pequena burguesia, que se havia unido a ela.

Foi um acontecimento sem precedentes na história. Até aqui o poder tinha pertencido, geralmente, aos grandes detentores da terra e aos capitalistas, que diz, aqueles que, apoiados no poder, constituíam aquilo a que se chama governo. Pois bem, após a revolução de 18 de Março, depois que o governo do senhor Thiers fugiu de Paris com as suas tropas, a sua polícia e os seus funcionários, o povo foi o dono da situação e o poder passou para o proletariado. Mas na sociedade actual, o proletariado, economicamente submetido pelo capital, não pode dominar politicamente e romper as cadeias que o prendem ao capital. Eis por que o movimento da Comuna devia revestir inevitavelmente, uma cor socialista, que diz, tratava de derrubar a dominação da burguesia, a dominação do capital, e de destruir os próprios fundamentos da sociedade actual.

De camêo, este movimento apresenta-se misturado e confuso, em extremo. Até os patriotas aderiram a ele na esperança de que a Comuna continuasse a guerra contra os alemães, conduzindo-a a bom

termo. O movimento era igualmente apoiado por pequenos comerciantes ameaçados de ruína, se não fosse prorrogado o pagamento dos vencimentos e dos alugueres (que lhes tinham sido recusados pelo governo e que, pelo contrário, lhes haviam sido concedidos pela Comuna). Por fim, o movimento beneficiou igualmente, desde o início, com a simpatia dos republicanos burgueses que temiam que a Assembleia Constituinte reaccionária (os «ruralistas», os implacáveis grandes detentores da terra) restabelecesse a monarquia. Mas o papel principal foi desempenhado pelos operários (sobretudo pelos artesãos de Paris), entre os quais se havia realizado uma actividade propagandista nos últimos anos do Segundo Império, pertencendo, inclusivamente, muitos d'elles à Internacional.

Os operários foram os únicos que permaneceram fieis à Comuna até ao fim. Os republicanos burgueses e os pequenos burgueses afastaram-se prontamente — uns, espantados pelo carácter proletário, revolucionário e socialista do movimento; outros, quando o viram votado a uma derrota certa. Unicamente os proletários franceses sustentaram sem terror nem desânimo o SEU governo, somente elles combateram e morreram por elle, que diz, pela causa da emancipação da classe operária, pelo melhor porvir de todos os trabalhadores.

Abandonada pelos seus aliados da véspera e sem nenhum apoio, a Comuna estava condenada a derrota. Tão-la a burguesia francesa, todos os proprietários agrícolas, todos os elementos da Bolsa, todos os fabricantes, os grandes e os pequenos ladrões, todos os exploradores se alavam contra ella. Esta coligação burguesa sustentada por Bismarck (que liberta 100.000 prisioneiros de guerra, franceses, para submeter o Paris revolucionário) consegue levantar os camponeses ignorantes e a pequena burguesia provinciana contra o proletariado de Paris e encerrar a metade da cidade num círculo de ferro (a outra metade estava bloqueada pelo exercito alemão). Nalgumas grandes cidades de França: Marselha, Lyon, Saint Etienne, Dijon e outras, os operários lutaram, igualmente, de conquistar o poder, de proclamarem a Comuna e de ir libertar Paris. Mas estas tentativas fracassaram rapidamente. E Paris, que em primeiro lugar tinha arvorado a bandeira da insurreição proletária, fica reduzida às suas próprias forças e condenada a uma derrota certa.

Para que uma revolução social possa triunfar são necessárias, pelo menos, duas condições: — o nivelamento das forças produtivas e a preparação do proletariado. Mas estas duas condições necessárias, faltaram em 1871. O capitalismo

francês estava ainda pouco desenvolvido e a França daquela época era, antes de tudo, um país de pequena burguesia (artesãos, camponeses, pequenos comerciantes, etc.). Por outro lado, não existia um partido operário, e a classe operária que, no seu conjunto, não tinha ao mesmo tempo um idea muito clara dos seus fins e dos meios de alcança-los, carecia de preparação e de treino adequado. Não havia uma organização politica, séria, do proletariado, nem sindicatos fortes nem sequer cooperativas...

Mais o que fallou, sobretudo, à Comuna foi o tempo, a possibilidade de se volver sobre os calcunhados e de abordar a realização do seu programma. Quando ainda não tinha lido te no pa para lançar mãos à obra, o governo, que se encontrava em Versalhes, apoiado por toda a burguesia, abriu as hostilidades contra Paris. A Comuna viu-se obrigada, antes de mais nada, a cuidar da sua defesa. E até aos seus últimos dias, que ficam compreendidos entre 21 e 28 de Maio, não teve tempo de pensar noutra coisa.

De resto, apesar destas condições tão desfavoráveis, apesar da brevidade da sua existência, a Comuna pôde adaptar algumas medidas que caracterizam suficientemente o seu verdadeiro sentido e os seus fins. A Comuna instituiu o exercito permanente, instrumento cego das classes dominantes, pelo armamento geral do povo; proclamou a separação da Igreja do Estado, suprimiu o orçamento de cultos, deu um caracter puramente laico à instrução pública e conseguiu desta forma assegurar um golpe certo aos policias de sotania.

No dominio puramente social poucas coisas lhe foi possível realizar, mas estas revelam com sufficiente clareza o seu caracter de governo do povo: o trabalho nocturno dos padeiros foi abolido; foi prohibido o sistema de multas, esse roubo legalizado dos operários; por ultimo, a Comuna promulgou o famoso decreto em virtude do qual, todas as empresas, fabricas e officinas, abandonadas ou immobilizadas pelos seus proprietários, eram entregues às associações operárias com o fim de continuar a produção. E, para auxiliar o seu caracter autenticamente democratico e proletário, a Comuna decretou que o soldo de todos os funcionários e dos membros do governo não podessem ultrapassar o salário normal do um operário e, em nenhum caso, elevar-se acima de 6.000 francos annualement.

Todas estas medidas mostram claramente que a Comuna constituia um perigo mortal para o velho mundo fundado sobre a propriedade e a exploração.

Por isso, a sociedade burguesa não conseguiu dormir tranquila-

mente enquanto a bandeira vermelha do proletariado flutuava no Municipio de Paris. E quando, por ultimo, as forças governamentais organizadas lograram lançar-se sobre as forças mal organizadas da revolução, os generais bonapartistas, batidos pelos alemães, mais brrios contra os seus compatriotas vencidos, os Rennemkampff e os Mellir-Zakomelski franceses, fizeram uma carnificina tal como nunca Paris havia conhecido. Cerca de 30.000 parisienses foram massacrados pela soldadesca desenfreada, outros 45.000 foram presos, muitos dos quais tiveram como consequência a honra de ser fusilados; milhares d'elles foram enviados para os presidios, e outros milhares foram deportados. Em conjunto, Paris perdeu perto de 100.000 dos seus filhos e neste numero estão incluidos os melhores operários de todas as profissões.

A burguesia estava satisfeita. «Agora acabou-se o socialismo por muito tempo», dizia o seu chefe, o bandido sanguinario Thiers, depois do banho de sangue que acabava de oferecer com os seus generais, ao proletariado parisiense. No entanto os corvos burgueses, gravamam insati feitos. Mas, apesar de tudo, seis anos depois do esmagamento da Comuna, quando um grande numero, ainda, dos seus combatentes gemia no presidio e na deportação, o movimento operário já renascia em França. A nova geração socialista, enriquecida pela experiencia dos seus maiores e de modo algum acordada pela sua derrota, recolheu a bandeira caída das mãos dos combatentes da Comuna e levou-a avante, com mais firme e valerosa, aos gritos de «Viva a revolução social!» «Viva a Comuna!». E dois ou três anos mais tarde, o novo partido operário, moroc da agitação que havia levantado o país, obrigava as classes dominantes a concederem a liberdade para os «comunistas» que jaziam nas prisões do governo.

A memoria dos combatentes da Comuna não é somente venerada pelos operários franceses mas tambem pelo proletariado de todos os países, porque a Comuna não combatia por uma causa local, nem acanhadamente nacional, mas pela emancipação de toda a humanidade laboriosa, de todos os desherdados e de todos os offendidos. Combatente avançado da revolução social, a Comuna disfrutava de simpatias em todas as partes onde o proletariado soffria e luta. O quarto da sua vida e da sua morte, a imagem do governo operário que conquista e conserva durante mais de dois meos a capital do mundo, o espectraldo da luta heroica do proletariado e do seu soffrimento depois da derrota — tudo isto elevou a moral de milhões

Continua na 2ª pagina

O Manifesto da FRENTE POPULAR

Algumas dezenas de manifestos da Frente-Popular foram esparhados por todo o país. Foi com verdadeira avidez que as massas o leram, e foi com enorme entusiasmo que receberam a notícia da constituição da Frente-Popular.

Não podemos, no entanto, deixar de registar algumas críticas a esse manifesto, nas páginas do «Avante» tanto mais que ao nosso encontro vêm outras críticas de alguns trabalhadores.

De uma maneira geral, o manifesto emprega uma linguagem pouco acessível, que não está ao alcance de todas as camadas da população. Também pensamos que a explicação da necessidade de lutar contra o fascismo é pouco concreta. Há na verdade factos sem conto, tanto no domínio da repressão e de terror, como no da exploração desenfreada das massas que deveriam, quanto a nós, figurar no centro da exposição.

A popularização da palavra de ordem de luta pela libertação dos presos, através do derubamento da ditadura salazarista merecia figurar no centro do trabalho em questão. Foi à volta da palavra de ordem de «Amnistia» que em Espanha se juntaram milhões de homens.

Finalmente, chamamos a atenção de que a Frente-Popular se formou porque só agora um grupo de homens cedeu à boa vontade contraguita estabelecer a plataforma que lhe serve de base.

Quanto a nós a explicação «histórica» da formação da Frente Popular está longe de corresponder à verdade. Nós pensamos em primeiro lugar, que a Frente Popular surgiu não como o fruto da «boa vontade» de um grupo de homens, mas sim como consequência da vontade unânime do povo, quer republicano, quer anarquista, quer comunista, etc. E, em segundo lugar, sublinhamos a experiência internacional, em especial da França e da Espanha, que mostrou a todos os anti-fascistas honestos portugueses, que o caminho único para derubar o fascismo e atingir um governo de verdadeira democracia popular era a criação de uma ampla Frente Popular.

Conhecemos as razões alegadas e que levaram a Frente Popular a não subscrever os seus escritos com o nome de todos os organismos que a compõem, e lamentamos que essa atitude continue a suscitar dúvidas e confusões, caso não venha a ser modificada.

Eis os breves reparos que nos ocorre formular.

Subscrição permanente para o «Avante».

Transporte.....	401,25
Prêcos de Peniche.....	143,50
Rosa Luxemburgo.....	60,00
Stakhanov.....	10,00
Sulão.....	10,00
Um engenheiro.....	5,00
R. L.....	2,50
Uma professora.....	5,00
X. I. V.....	5,00
Mágico.....	2,00
De um grupo de litorais.....	15,00
A transportar.....	742,25

O SOCORRO DE INVERNO

O SOCORRO DE INVERNO, esta nova burla salazarista, teve um mérito: Indicar-nos de uma maneira concreta, numerosos a vítima e imperfeitos, a extensão horrosa da miséria a que o fascismo conduziu Portugal. Notícias, que os jornais dão como esta do século de 27 de Janeiro, mas em o que é o SOCORRO que S. Lazar magnânimo deu ao povo faminto de Portugal: A importância de que Tomar dispõe para o «Auxílio aos Pobres no Inverno», nas suas 13 freguesias e de 40.000 diários ou seja 3,27 por cada freguesia.

Quanto ao benefício trazido pelo Socorro, só umas quantas terras têm

O caso Petrin

Publica a «Batalha» órgão da Confederação Geral do Trabalho, no n.º 4 de Fevereiro do corrente ano, uma local sob o título de «Odisséia de Petrin».

Na mesma notícia se diz que Petrin é um anarquista emigrado para a URSS e se afirma que a Rússia bolchevista esbarra o direito de asilo... e entrega aos esbirros de Mussolini um anarquista que lutou contra o fascismo. Termina a «Batalha» por descrever uma explicação dada pelos stalinistas portugueses, sobre aquele ato do governo Russo.

Mesmo sem a expressão desse desejo por parte da C.G.T., nós devíamos procurar elucidar este caso ante os trabalhadores revolucionários e anti-fascistas.

Por isso, pedimos informações sobre o caso.

Desde já podemos dizer, que a URSS não nega a nenhum anarquista ou perseguido por delictos sociais, o direito de asilo. O caso de Casanellas anarquista espanhol dedicado na URSS, depois de muito combatente do Comunismo, comprova, como o de tantos outros, a nossa afirmação. A adesão recente ao comunismo, do anarquista russo emigrado, Archinov, pessoa que tem merecido sempre aos meios anarquistas, espanhóis sobretudo a maior consideração prova bem a ideia em que é tida a lealdade revolucionária do governo russo.

Aliás, a própria nota do Comité Internacional da Defesa Anarquista mostra, a incerteza que tem no que afirma: «Petrin admitindo a hipótese de que tenha querido essa extradição».

Repelimos, já pedimos indicações concretas a este respeito, que pulcaremos, mal as recebermos.

Em Memória da COMUNA

Continuado da 1.ª página

de operários, despertando as suas esperanças e conquistando as suas simpatias para o socialismo. O troar dos canhões de Paris acordou do seu sono profundo as camadas sociais mais atrasadas do proletariado e deu, em toda a parte, um novo impulso ao desenvolvimento da propaganda revolucionária socialista. Eis porque a obra da Comuna não morreu; ela vive, ainda, em cada um de nós.

A causa da Comuna é a da revolução social, a causa da emancipação integral, política e económica dos trabalhadores, a causa do proletariado universal. Este sentido é imortal!

ANUNCIADO a «sopa» e outras coisas em que a miséria é tanta, os pobres em tal número que acontece como a dolorosa comichão que se segue:

Valongo-19 — Foram afixados editais a proibir que, do dia 1.º de Fevereiro em diante, os pobres diários concelhos possam pedir esmola em Valongo. Aos mendigos dirigi-se serão torcidos os «CHAPAS» e um CASTIGO DE INDEBENTIDADE, sem o que não poderão pedir. (Seculo de 28 de Janeiro)

Passamos do estado corporativo ao estado MUNICIPAL.

Do proteccionismo alfandegário, passa-se ao PROTECCIONISMO dos mendigos concelhos. A miséria que aqui se revela é das que se não podem encobrir. Contudo, rotula-se isto, simplesmente, com o mais burguês dos títulos: Repressão da mendicância. Tal qual... É a sociedade que, assim REPREENHE a MENDICIDADE, e a este fascismo criminoso é inútil que nos levemos a situação angustiada desse bando que são todos os trabalhadores portugueses.

Não somos nós quem o afirma. Não são informações nossas que aqui trazemos. Abre o «Notícias» de 12 de Fevereiro e sabe, camarada, que em Lisboa, nessa «Linda Lisboa» em que se empazinha e se refastelam os convidados venais do Ferro «deverão estar recebendo o auxílio da Santa Casa, em sopa a pão cerca de 34.000 indigentes». Isto é a «Linda LISBOA». E QUATRO MIL INDIGENTES, confessados, só em Lisboa. Eis a FELICIDADE que o Estado Novo dá.

A grande burla morreu já. Acabou em fins de Fevereiro como se os pobres tivessem só fome até 29 de Fevereiro nos anos bissextos, ou o inverno não continuasse mais horrível ainda, por este mês de Março.

A burla do Socorro de Inverno desapareceu. Como aqui previmos, nada trouxe aos pobres e famintos. Coordenou uns serviços onde já havia distribuição de sopa, (é o caso de Lisboa e mais algumas sedes de concelhos) e nada mais.

Auxílio «efectivo» — nada. Na maioria de lugares nem a comissão se constituiu, noutros, constituida a comissão, nada fez porque o dinheiro enviado permitia só um leve bocado por uma só vez.

O Socorro de Inverno acabou mas a fome continua. Os desempregados não devem consentir que as suas famílias estoirem de fome. Por isso, naqueles lugares onde foi reduzido o número de pessoas que recebem a sopa, devem todos os que têm fome e não podem dar de comer aos seus, reunir-se e ir aos locais das SOPAS buscar a sua alimentação, ir às câmaras, juntas de freguesias, grandes lavradores e comerciantes impor a execução da máxima justíssima: «Pão ou trabalho». Camaradas, não e na miséria aviltante da esmola, que podemos conseguir a vida para todos os que sofrem! Assim só há adiantos a morte. Nada de atos individuais! Obrigamos todos os que têm muito a dar atados os que não têm. Obrigamos Salazar a criar o seguro do desemprego, a custa do Estado e do patrão! Não nos deixemos matar e aos nossos! Por isso a organização nacional de desempregados!

Novo ataque do Fascismo AO POVO

Não contente com a exportação do trigo a \$60, enquanto nós continuamos a pagar o pão caríssimo e de má qualidade, o governo fascista achou de arranjar nova maneira de proteger os magnatas da agricultura e moagem, autorizando a exportação de farinha de trigo a preços dos mercados externos. Como para os trigos em grão, o pagamento é feito, agora, ao preço da tabela e o prejuízo resultante da diferença será compensado pela taxa de \$225 por quintal de trigo das colheitas futuras.

Que quere dizer isto? Esta engrenagem maldita em que passamos a preços da farinha, enquanto o trigo a preços da moagem, enquanto em Portugal, grande parte da população sofre a mais negra das fomes porque, nem sequer, pode comprar o pão indispensável? Simplesmente isto: Que o Estado novo pretende, por um lado, eliminar os pequenos cultivadores que não se intimidam ante o último decreto cerealífero, com a redução encapotada da tabela do trigo; em segundo lugar que a ditadura, por esse próprio facto, favorece os grandes lavradores que com o crédito da Federação dos Trigos, nas suas mãos e maquinaria que só eles podem empregar, conseguiram um lucro da sua produção, que os pequenos produtores não podem sequer ter; em terceiro lugar, o governo favorece a Moagem, um dos dirigentes da vida pública portuguesa, porque como dizia há dias o «Seculo» (que fala nisto por representar um bloco de interesses oposto ao da Moagem e Associação de Agricultura, o da União Fabril e anexas) entre o vale e vem de documentos, a moagem irá adquirir para o pão 1,50, \$200 e 3,40, o trigo a \$60.

Finalmente o «governo nacional» de Salazar procura reduzir os stocks de trigo que há dois anos apodrecem, vendendo o podre (não o pode exportar, claro está) aos portugueses e comerciantes o bom da última colheita.

Que concluir desta tática maldita? Isto somente:

Ante um acto agrícola péssimo como vai ser este em que estamos, Salazar prepara, às ordens da Moagem, o regresso parcial ao trigo importado. Para isso se esforça numa campanha criminosa de exportar a todo o preço, enquanto, tacitamente, confessa, que a Federação de Trigos não pode resolver a sua missão nem sob o ponto de vista do pequeno produtor, nem do consumidor, nem do próprio trigo que não consegue armazenar em condições que, como agora, o não apo-fregam.

O problema do trigo resolve-se assim: Pelo aumento do consumo das mas trabalhadoras;

b) Pela compra imediata, ao preço da tabela, de todo o trigo existente;

c) Pela nacionalização e consequente organização da grande moagem;

d) Pela protecção dos pequenos produtores à custa dos grandes;

e) Pelo subsídio de desemprego;

f) Pelo aumento de salários dos trabalhadores rurais.

Assim, e só assim, se resolve o PROBLEMA DOS TRIGOS. Isto não é a Salazar porque luta contra os que o em não poder. Há-de fazer a Frente Popular.

STALINE FALA DO PERIGO DE GUERRA

O camarada Staline deu nos princípios deste mês uma entrevista sobre o perigo de guerra e a posição da URSS a tal respeito. Seguidamente, a pedido do jornalista americano que o entrevistou, analisou a posição dos comunistas americanos perante o Estado americano e as convenções diplomáticas entre os Estados Unidos e a URSS. A terminar a entrevista, Staline demonstrou a falácia do pretenso "socialismo estatal" da Alemanha e Itália, patenteou os progressos da URSS e justificou a democratização da constituição soviética pelo voto livre, igual, directo e secreto.

Como de costume, a imprensa burguesa falsificou, vergonhosamente, as declarações do camarada Staline, procurando assim lançar a desconfiança nos meios revolucionários e anti-fascistas.

Assim, o «Diário de Notícias» fez que Staline, como qualquer conselheiro caquético, se referisse aos direitos dos países pequenos sobre as colónias que com a sua ciência e esforço haviam descoberto, só faltando indicar, concretamente, o Império Colonial e o soba Salazar-Armindo Monteiro.

O «Diário da Manhã» organizou mais habil da provocação atribui ao nosso camarada Staline, a declaração de que «O GOVERNO SOVIÉTICO NADA TEM DE COMUM COM ACTIVIDADES COMUNISTAS NOS PAÍSES ESTRANGEIROS» o que está certo, mas acrescenta-lhe esta falsíssima e astorrida justificação: «POIS QUE ELAS SÃO ABSOLUTAMENTE CONTRÁRIAS A NOSSA (DO COMUNISMO) ORIENTAÇÃO POLITICA, QUE CONSISTE EM MANTERMOS A MAIS ESTREITA E LEAL COLABORAÇÃO DE TODOS OS POVOS SOB O PONTO DE VISTA DE INTERESSES ECONOMICOS E NUNCA COM OBJECTIVOS POLITICOS PRECONCEBIDOS».

Para estabelecer a verdade e dar a todos os nossos camaradas a leitura das declarações de Staline publicamos a seguir a tradução integral da parte da entrevista que nos interessa agora.

MOSCOVO.— Os diários desta cidade publicam uma entrevista do camarada Staline com o jornalista americano Howard.

—Quais serão, na sua opinião, as consequências das últimas acontecimentos no Japão, no que toca à situação do Extremo-Oriente?

Staline respondeu: —É difícil dizer-lhe já; não existem ainda suficientes elementos de juízo. O quadro não é bastante claro. —Qual seria a atitude da União Soviética no caso do Japão se decidir a desencadear um ataque a sério contra a República popular da Mongólia?

—Caso o Japão se decidisse a atacar a República popular da Mongólia, atentado contra a sua independência, nós deveremos ajudar a República popular da Mongólia. O seu comissário de Negócios Es-

trangeiros, camarada Stomontakov, declarou-o ultimamente ao embaixador japonês em Moscovo, indicando-lhe que a União Soviética mantém, desde 1921, relações amistosas com a República popular da Mongólia. Ajudaremos a República popular da Mongólia como a ajudamos em 1921.

—A tentativa japonesa de ocupar Ulam Bator, levará também a U.R.S.S. a uma acção positiva?

—Sim, conduzir.

—Durante os últimos tempos, os japoneses têm desenvolvido em torno da República da Mongólia uma actividade que pode ser considerada na U.R.S.S. como agressiva.

—Parece que os japoneses continuam acumulando tropas na fronteira da República popular da Mongólia, mas não se nota, por agora, nenhuma tentativa de colisão.

—Considera a União Soviética que a Alemanha e a Polónia têm propósitos agressivos contra ela e preparam uma colaboração militar que deve facilitar a realização destes propósitos?

—Enquanto a Polónia declara não querer permitir a qualquer classe de tropas estrangeiras a utilização do seu território como base de operações contra um terceiro estado, esses factos realizam-se.

—Que se pensa na URSS de um ataque por parte da Alemanha? De que posições, em que direcção podem operar as tropas alemãs?

—A história ensina-nos que quando um Estado qualquer quer fazer guerra a um outro Estado, mesmo que não seja seu vizinho, começa por buscar uma fronteira, pela qual possa invadir o Estado que quer atacar. Habitualmente, o Estado agressor encontra essas fronteiras. Encontram-na, fez a empreitada a violência, como fez a Alemanha em 1914, quando invadiu a Bélgica na sua ofensiva contra a França, quer adquirindo umas fronteiras «a crédito» como o fez a mesma Alemanha com a Letónia em 1918 para atravessar o território desta e abrir caminho para o Leningrado. Não são com exactidão que fronteiras pode utilizar a Alemanha para realizar os seus fins mas penso que pode encontrar quem lhe proporcione fronteiras a crédito.

—O mundo inteiro fala de guerra. Se a guerra é verdadeiramente, quando deve estalar, segundo a sua opinião?

—É impossível prevêê-lo. A guerra pode estalar de uma maneira inesperada. ACTUALMENTE AS GUERRAS NÃO SE DECLARAM COMEÇAM, SIMPLEMENTE. Mas, por outro lado, considero que as posições dos amigos da Paz consolidam-se. Os amigos da Paz podem trabalhar abertamente porque se apoiam sobre o poder da opinião publica o têm a sua disposição instrumentos tão poderosos como, por exemplo, a Sociedade das Nações. E esta é a vantagem dos amigos da paz. A sua força reside no facto de que a sua activi-

dade contra a guerra se apia na vontade dos grandes masses populares. NO MUNDO INTEIRO NÃO EXISTE UM SO POVO QUE DESEJE A GUERRA. Por isso os inimigos da paz estão obrigados a trabalhar em segredo. Esta é uma desvantagem para os inimigos da paz. Contudo, não está excluído que, justamente por isto, possam decidir-se a empreender uma aventura militar como um ato de desespero. Um dos mais recentes triunfos da causa dos amigos da paz é a ratificação do pacto de assistência mútua pela câmara dos Deputados francesa. Este pacto constitui um certo obstáculo para os inimigos da paz.

—Se estalar a guerra, em que parte do mundo pode desencadear-se em primeiro lugar? Onde acumulam mais núvens tempestuosas, no Oriente ou no Ocidente?

—Segundo o meu critério, existem dois focos de ameaças de guerra. O primeiro encontra-se no Extremo-Oriente, na zona do Japão. Tenho visto declarações repelidas dos militares japoneses com ameaças de se lançarem contra outros Estados.

O segundo foco encontra-se na zona alemã. É difícil dizer qual destes dois focos é mais ameaçador, mas os dois existem e actuam.

Em comparação com estes dois focos principais de perigo, uma conflagração, a guerra italo-eflope é um episódio. Neste momento, o foco ameaçador do Extremo-Oriente manifesta a maior actividade. É possível, não obstante, que o centro desta actividade se desloque para a Europa. A recente entrevista de Hitler a um jornal francês dá testemunho disso. Nesta entrevista, o senhor Hitler procura na aparência, pronunciar palavras pacíficas, mas confunde tão visivelmente o seu «amor à paz» com ameaças contra a França e URSS que desce a paz a cada passo. Como vê, QUANDO O SENHOR HITLER QUERE FALAR DE PAZ, NÃO PODE PRESCINDIR DE AMAR. CAR. ISTO É UM SINTOMA.

—Em que consiste, na sua opinião, a causa fundamental do perigo actual da guerra?

—No capitalismo.

—Em que manifestações do capitalismo, precisamente?

—Nas suas manifestações imperialistas. Há-de recordar-se como surgiu a primeira guerra mundial. Surgiu do desejo de realizar uma nova partilha do mundo. Estamos actualmente, em presença dos mesmos motivos. Certos Estados capitalistas que se consideram prejudicados na partilha antecedente das esferas de influência sobre os territórios coloniais, fontes de matérias primas, mercados, etc., desejam uma nova partilha a seu favor. O capitalismo na sua fase imperialista, é um sistema que considera a guerra como um método legítimo para resolver os contraditórios internacionais, método legítimo se não de direito, pelo menos de facto.

—No acto dos países capi-

talistas pode existir, igualmente, o receio de que a URSS possa decidir-se a atacar por causa da sua teoria política a outros povos?

—Não existe nenhum fundamento para semelhante receio. Se pensa que os Estados soviéticos querem mediar, eles próprios, e aos outros, pela violência, a fisionomia dos Estados vizinhos, engana-se completamente. Naturalmente, OS POVOS SOVIÉTICOS DESEJAM QUE A FISIONOMIA DOS ESTADOS VIZINHOS MUDE, MAS ISSO É UMA QUESTÃO DOS PRÓPRIOS VIZINHOS. NÃO VEJO POR QUE OS ESTADOS VIZINHOS PODEM VER UM PERIGO NAS IDEIAS DOS POVOS SOVIÉTICOS SE VERDADEIRAMENTE ESSES ESTADOS ESTÃO FIRMEMENTE CONSOLIDADOS.

—A vossa declaração significa que a URSS renuncia de algum modo aos seus planos e propósitos de fazer a Revolução Mundial? Parece-me senhor Staline, que no mundo inteiro se tem dito durante muito tempo outra impressão. É isso resultado de um equívoco trágico?

—Não, cômico. Ou melhor, trágico. Nós os marxistas, consideramos que a revolução se realizará nos outros países. Mas A REVOLUÇÃO NÃO TERÁ LUGAR SENÃO QUANDO OS REVOLUCIONARIOS DE ESSES PAÍSES ACHEM QUE É POSSÍVEL OU NECESSÁRIA A EXPORTAÇÃO DA REVOLUÇÃO E UM ABSURDO. CADA PAÍS, SE O DESEJAR, FARÁ ELE PRÓPRIO A SUA REVOLUÇÃO E SE O NÃO DESEJA NÃO A FARÁ. O nosso país por exemplo, quis fazer a Revolução e fez-lhe. E agora nós edificamos uma nova sociedade sem classes.

Mas afirmar que queremos fazer a Revolução noutros países, miscondo-nos na sua vida, significa pretender o que nós já temos alcançado.

PARA A GUERRA

Continuado da 1.ª pagina e pela burguesia.

Na Espanha e em França, aumentam dia a dia as liberdades e os direitos do Povo, porque unidos todos conseguem desembarçar-se da canalha fascista, e nós portugueses, há dez anos que estamos sob a mordida de Salazar.

Não acrediteis no que dizem os jornais portugueses porque estão ao serviço da Ditadura Fascista.

Povo! Que esperais de tão vis assassinos que nos governam? A morte pela fome? Não! Não devemos esperar mais! 10 anos de tiranias e assassínios já bastam. Criemos a união de todos os trabalhadores. Corramos às prisões a libertar os melhores e a camaradas das masmorras!

Viva a U.R.S.S.
Viva a Frente popular!

